

Alarde

Nenhum ruído no motor, nenhuma luz no painel. Sem alarmes e surpresas. Girei novamente a chave do carro. Nada. Hesito: tenho mais um motivo para não ir. Que é dia de tv e cigarros fortes, de deixar que o tempo se arraste esquecido de si. Mas assim mesmo tomo o ônibus e chego até o local marcado.

Evito te cumprimentar. Apenas sento-me à mesa, à sua frente, e te rodeio com meus olhos atentamente desinteressados no que diz. Você começa a dizer muito baixo qualquer coisa dessas que se diz em mesa de bar, e eu vou gravando tudo como quem recolhe provas para se livrar de um crime perverso. Fiscalizo seu corpo inteiro e percebo, tarde, que perdi muito tempo nessa tarefa. Você se dá conta do meu modo concentrado, nesse exato momento em que me desaproprio... porque, você sabe, a beleza sempre foi desleal comigo. Então você me olha, como quem diz: o que foi?

Desassossego. Minha voz tremula. Respondo algo ininteligível. Com um esforço supremo, respondo-te ainda com uma pergunta. E logo me arrependo. Acendo rapidamente um cigarro e tomo um gole grosso de cerveja. Desajeito. Meus gestos desobedecem minha ordem, como se fosse imperativo errar.

Meus olhos continuam vagando por um tempo em sua direção, nesse espaço onde não se pisa sem torpor. É então que você pergunta: o que foi?, como quem diz: silencie. Eu paro, mudo, meus olhos no seu rosto. Sopro a fumaça devagar, como quem se reajusta ao próprio corpo.

Mastigo algumas palavras sujas com os outros que, entre nós, estão sentados à mesa. Mais cerveja. Risadas altas, exaltação nos ânimos já levemente embriagados e tolos... Entedio-me com essa distância. Vejo indiferente os passantes na rua, a afobação

¹ Mestranda em Teoria da Literatura (UFMG). Participa do conselho editorial do jornal mensal de literatura e outras artes *Pausa* Nasceu em Belo Horizonte, onde vive ainda hoje. Contato: maraizalabanca@gmail.com.

dos carros, o movimento da avenida ao lado da nossa completa paralisação. Nunca saímos do lugar, querida - quase digo. Tento esconder essa agonia que me abate, por pudor diante de um olhar furtivo, áspero.

Alguém me diz algo. Não compreendo. Esforço para me interessar. Consigo até um sorriso no canto da boca. Converso um pouco. É como se dissessem, de dentro de uma imensa vagueza: um pouco de palavra, se não... Incomoda essa mudez cortante, eu sei. Então, sorrio e deixo vazar algumas palavras quase agressivas a essas pessoas... Lixo. Riem um pouco sem jeito. Eu me canso.

Mais dois goles. Esfrego as mãos. Percebo que parei de te olhar. Mas já vou ficando com a alma solta, vadia, com os olhos perdidos de não ter no que pegar. Então, retorno praquele ponto. Miro fixamente o seu colo vestido de mulher grave. E começo a falar absurdos, disparates, deixo jorrar toda a violência desse desejo proscrito, traduzido em golpes certos sobre quem quer que seja. Falo, falo, falo, como um missionário às avessas: quero arruinar tudo. Ataco, apostolando o inferno.

Eles devolvem. Não me importo. Já disse: tenho a alma solta, vadia. Falo alto. Deselogio o mundo.

Gastaram-se as horas. Estou farto de cervejas, cigarros e palavras para encobrir essa direção sem rumo. Mas é você que vai embora mais uma vez. Antes da meia-noite, com seus passos firmes sobre o chão que me foi roubado. Me dá as costas, sua maior entrega, as suas costas como presente. Sobressalto-me em desconcerto e perplexidade. Tuas costas, eu digo. Esta a violência que me cabe. Você some entre os carros. Eu fico, como quem parte.